

S. Lucas, *Evangelista*

(18 de outubro)

S. Lucas é uma das figuras mais simpáticas do Cristianismo primitivo. Homem de posição e qualidades, de formação literária, de profundo sentido artístico e divino, entrega-se plenamente ao Cristianismo logo que toma conhecimento dele na sua cidade, Antioquia, a grande metrópole romana do Oriente; subjuga-o a grandeza de S. Paulo e converte-se no mais fiel e incondicional dos seus discípulos. Toda a sua ciência médica e literária põe-na à disposição do grande Apóstolo, entrega-lhe a sua pessoa e segue-o para toda a parte, como a sombra ao sol. Humilde e devoto, pode dizer-se dele que foi um desses homens admiráveis que brilham como estrelas de segunda ordem, ou melhor, que renunciam a brilhar por si mesmos para se entregarem a outros de mais altura, oferecendo assim o mérito da modéstia e uma ação mais fecunda, ainda que menos pessoal.

Assim é S. Lucas. Teve a sorte invejável de encontrar-se no caminho da sua vida com um mestre espiritual incomparável. Entregou-se a ele sem reservas e com fé cega, na prosperidade e na adversidade. S. Lucas deixou-nos como escritor duas obras divinas: o terceiro Evangelho canónico e a história dos primeiros dias cristãos e das missões de S. Paulo. Em ambos os livros se mostra S. Lucas como o discípulo e admirador incondicional de S. Paulo. Olha para Cristo com os olhos de S. Paulo, «o seu iluminador», como lhe chama Tertuliano. A história primeira do Cristianismo centra-a na figura de S. Paulo. S. Lucas identificou-se com a alma do seu mestre. Por isso o seu Evangelho pode chamar-se «o Evangelho de S. Paulo».

A mensagem divina de Jesus, vê-a S. Lucas através do prisma de S. Paulo, que lhe dá a inteligência profunda do mistério de Cristo. A filantropia (amizade para com os homens) de Deus resplandece de maneira extraordinária em S. Lucas: a bondade misericordiosa, a benignidade que se inclina sobre todas as misérias. Jesus é o Salvador de todos os homens, de todos os povos, de todas as raças. As parábolas da ovelha perdida, do filho pródigo, do bom samaritano, realçam em forma concreta o espírito universalista e misericordioso do Evangelho, que profundamente sentiu S. Paulo. S. Lucas é «o escritor da mansidão de Cristo».

Notou-se com razão o papel importante que desempenham as mulheres no Evangelho de S. Lucas. O paganismo tinha rebaixado a nobre condição delas como companheiras do homem. S. Paulo fez sobressair a igualdade de todos em Cristo, onde não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem ou mulher. S. Lucas recolhe, da vida e ensinamento de Jesus, tudo o que pode realçar o valor e estima que teve pela mulher. Como médico, S. Lucas tinha coração compassivo, conhecedor das misérias da humanidade, e estava preparadíssimo para assimilar o espírito filantrópico e essencialmente humano do Evangelho.

Onde nasceu S. Lucas? A opinião mais provável diz-nos que foi natural de Antioquia da Síria. De origem pagã, deve lá ter conhecido muito cedo o Cristianismo e deve tê-lo abraçado com todas as veras do seu coração, como homem reto, bem-disposto e desapaixonado. A tradição diz-nos que desde a juventude guardou perfeita castidade. Foi como açucena a brotar dentre águas corrompidas. Cumpriu-se nele a máxima de Jesus: «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus». S. Lucas viu e sentiu profundamente a formosura do Cristianismo. Num mundo que desconhecia, odiava ou punha a ridículo o nome de cristão, ele sentiu-lhe a formosura e diz-nos, cheio de santo orgulho,

que foi a sua cidade, Antioquia, a primeira terra onde se começaram a distinguir os discípulos de Jesus com o nome glorioso de «cristãos».

Pelo ano de 50, durante a segunda missão de S. Paulo, aparece pela primeira vez ao lado do Apóstolo. Acompanha-o pela Macedónia e a seguir aparta-se dele, em Filipos, até à terceira missão, pelo espaço de quase seis anos. Por 58 sobe com Paulo a Jerusalém, onde conheceu muitos discípulos imediatos de Jesus e se informou minuciosamente de tudo o que se referia à infância do Senhor, ao seu ministério público e à sua paixão e morte. Assim recolheu, com carinho de enamorado, os dados da Anunciação, Encarnação, Nascimento e crescimento de Jesus. Que cenas tão cheias de colorido, de luz, de paz e gozo espiritual! Quanto temos de agradecer, nós cristãos, à diligente e adorável pena de S. Lucas!

Uma tradição - que recolheu no século XIV Nicéforo Calisto, inspirado numa frase de Teodoro, escritor do século VI - diz-nos que S. Lucas foi pintor e fala-nos numa imagem de Nossa Senhora saída do seu pincel. Santo Agostinho, no século IV, diz-nos pela sua parte que não conhecemos o retrato de Maria; e Santo Ambrósio, com sentido espiritual, diz-nos que era figura de bondade. Este é o retrato que nos transmitiu S. Lucas da Virgem Maria: o seu retrato moral, a bondade da sua alma. O Evangelho de boa parte das Missas de Maria Santíssima é tomado de S. Lucas, porque foi ele quem mais longamente nos contou a sua vida e nos descobriu o seu Coração.

Duas vezes esteve preso S. Paulo em Roma e nos dois cativeiros teve consigo S. Lucas, «médico queridíssimo». Ajudava-o no seu apostolado, consolava-o nos seus trabalhos e atendia-o e curava-o com solicitude nos seus padecimentos corporais. No segundo cativo, do ano 67, pouco antes do martírio, escreve a Timóteo que «Lucas é o único companheiro» na sua prisão. Os outros tinham-no abandonado.

Não podemos explicitar onde esteve S. Lucas no intervalo que separa os dois cativeiros de S. Paulo, dos anos 64 a 67. Neste período, consta-nos que veio S. Paulo à Hispânia; não se pode excluir a hipótese, para os peninsulares tão honrosa, de também S. Lucas nos ter visitado.

Com a morte de S. Paulo, eclipsa-se na história S. Lucas. Um escrito do século III diz-nos que morreu virgem na Bitínia, na idade de 74 anos, cheio do Espírito Santo. Santo Epifânio, no século IV, acrescenta que pregou o Evangelho na Itália, França, Dalmácia e Macedónia.

Sobre a sua morte não temos dados concretos nenhuns, mas uma tradição autorizada, que vem do século IV, assegura-nos que derramou o sangue por Cristo. Assim rubricou a verdade que tinha escrito para toda a Igreja e para o mundo inteiro, com a carta magna do seu Evangelho e com a história dos Atos apostólicos. Podemos repetir a sentença de Pascal, falando de todos os Evangelistas: Creio firmemente na história dos que se deixam matar para dar testemunho da verdade do que escreveram. S. Lucas é médico bondoso e serviçal, é literato, mas sobretudo é santo e mártir, que morreu pela fé que pregou de palavra e exarou nos seus livros.

É considerado o Padroeiro dos médicos, por também ele ter exercido esse ofício, conforme diz São Paulo aos Colossenses (4, 14): «Saúda-vos Lucas, nosso querido médico».

*«Santos de cada dia – setembro – outubro – novembro – dezembro»,
Secretariado Nacional do Apostolado da Oração
– 4ª edição, revista e atualizada por António José Coelho, S.J.,
Editorial A.O., Braga 2003 (páginas 185-187).*